

Titulo da Pesquisa

Bruno Francisco Schaden

Marianne Zwilling Stampe

2024

Abstract

Keywords: In-app purchases. Mobile applications. Price elasticity of demand. Difference-in-differences. Exogenous price changes.

JEL Classification: D12, L86, L13, L15, C23, L63

Resumo

Palavras-chave: Compras dentro do aplicativo. Aplicações Móveis. Elasticidade-preço da demanda. Diferença em diferenças. Mudanças exógenas de preços.

Classificação JEL: D12, L86, L13, L15, C23, L63

1 Contextualização do Problema e Justificativa

O presente estudo tem como objetivo analisar a existência de vieses de julgamento na população geral e como esses vieses influenciam as escolhas políticas e econômicas. A pesquisa parte da premissa de que as crenças econômicas dos eleitores são frequentemente enviesadas, resultando em decisões políticas potencialmente subótimas para o desenvolvimento econômico e social.

Além disso, é fundamental examinar a interação entre o Estado e a sociedade civil, considerando como essa dinâmica pode influenciar os vieses de julgamento. A relação entre a autoridade estatal e a capacidade de auto-organização da sociedade pode criar um ambiente que exacerba ou mitiga esses vieses. Nesse sentido, o equilíbrio entre a autoridade estatal e a liberdade individual é crucial para a formação das crenças e decisões políticas e econômicas dos cidadãos (ACEMOGLU; ROBINSON, 2019).

A formação desses vieses também pode ser influenciada pelo legado histórico de regimes políticos anteriores, moldando a memória coletiva e as atitudes contemporâneas em relação ao governo e às políticas públicas (CALCAGNO et al., 2024). A compreensão das estruturas sociais e dos valores herdados é essencial para desvendar como essas influências históricas impactam as percepções e julgamentos atuais.

Ademais, as teorias econômicas e a disseminação de conhecimento econômico desempenham um papel significativo na formação das crenças dos eleitores. A complexidade do pensamento econômico e as dificuldades na transmissão acessível dessas ideias ao público geral podem resultar em interpretações enviesadas que afetam diretamente as escolhas eleitorais e políticas. Neste contexto, as ideias de Bryan Caplan sobre o irracionalismo dos eleitores destacam como as preferências sistematicamente enviesadas podem distorcer o processo democrático e as políticas públicas (CAPLAN, 2007).

Assim, este estudo não apenas investiga a presença de vieses de julgamento, mas também explora a interseção entre fatores históricos, sociais e econômicos que contribuem para a formação dessas crenças. Ao compreender essas interações complexas, podemos obter insights valiosos sobre como melhorar a educação econômica e promover decisões políticas mais informadas e eficazes, visando o progresso econômico e social.

Além disso, este trabalho contribui para o enriquecimento de uma nova área de estudo denominada "economia política comportamental". Essa área de pesquisa emergente busca integrar princípios da economia, ciência política e psicologia comportamental para entender melhor como os indivíduos tomam decisões econômicas e políticas e como esses processos podem ser influenciados por diversos fatores contextuais e cognitivos.

2 Fundamentos Teóricos e Evidências Empíricas

A análise dos fundamentos teóricos e das evidências empíricas na economia política comportamental é crucial para entender como os indivíduos tomam decisões econômicas e políticas. A economia comportamental, ao integrar conceitos da psicologia, desafia a noção tradicional de que os agentes econômicos são perfeitamente racionais e maximizadores de utilidade. Este campo de estudo examina como fatores cognitivos, emocionais e sociais influenciam as escolhas individuais e coletivas, oferecendo uma visão mais realista do comportamento humano.

Pesquisas têm demonstrado que as decisões dos eleitores e formuladores de políticas são frequentemente influenciadas por vieses cognitivos e heurísticas, que podem levar a escolhas subótimas tanto no contexto econômico quanto no político. Esses vieses são moldados por diversos fatores, incluindo experiências passadas, influências culturais e a estrutura institucional na qual os indivíduos estão inseridos (CAPLAN, 2007; CAPLAN, 2002; [The Washington Post](#); [Kaiser Family Foundation](#); [Harvard University](#), 1996).

A economia política comportamental emergiu como uma área de estudo promissora que busca entender essas dinâmicas complexas. Ao combinar insights da economia comportamental e da ciência política, essa disciplina oferece ferramentas valiosas para analisar como as crenças e atitudes dos eleitores impactam o funcionamento das democracias e a implementação de políticas públicas.

2.1 O pensamento de economista

Os economistas no geral operam sob o pressuposto de que os agentes econômicos são racionais e buscam maximizar sua utilidade ou satisfação a partir das escolhas disponíveis, o famoso "Homo Economicus". Esta abordagem implica que os indivíduos tomam decisões de forma lógica e consistente, com base nas informações disponíveis e a partir de uma avaliação cuidadosa das alternativas. É crucial também destacar a importância do pensamento da racionalidade das decisões econômicas, onde se argumenta que o comportamento racional é essencial para a eficiência e a eficácia das políticas econômicas (HAUSMAN; MCPHERSON; SATZ, 2016).

A análise de custo-benefício é uma ferramenta central no pensamento dos economistas. Ela permite a avaliação das opções de decisão com base nos custos e benefícios associados, assegurando que as decisões sejam eficientes e justas (BINMORE, 2008). Os economistas utilizam essa abordagem para formular políticas que maximizem o bem-estar social, equilibrando os custos e benefícios de cada intervenção.

A informação desempenha um papel crucial nas decisões econômicas. Os economistas acreditam que decisões de alta qualidade dependem da disponibilidade e do uso eficaz da informação. Eles argumentam que a coleta, a análise e a disseminação de dados são fundamentais para o funcionamento eficiente dos mercados e das políticas públicas (FRIEDMAN, 1966). No

entanto, as limitações cognitivas dos indivíduos e a quantidade limitada de informação disponível podem levar a decisões subótimas, conforme destacado por Daniel Kahneman em sua obra sobre heurísticas e vieses (TVERSKY; KAHNEMAN, 1974).

O pensamento econômico difere significativamente das percepções comuns da população. Enquanto os economistas enfatizam a racionalidade, a análise de custo-benefício e a importância da informação, a população frequentemente baseia suas decisões em heurísticas e vieses. Essas heurísticas são regras simples e intuitivas que as pessoas usam para tomar decisões rápidas e, embora úteis em muitos contextos, podem levar a erros sistemáticos (TVERSKY; KAHNEMAN, 1974). A população também é influenciada por crenças infundadas e emoções, o que pode resultar em decisões que não são necessariamente racionais ou eficientes do ponto de vista econômico (THALER, 2016).

Em resumo, a abordagem de Gary Becker define o que hoje temos por regra atualmente:

Acho difícil acreditar que a maioria dos eleitores seja sistematicamente enganada quanto aos efeitos de políticas como a de quotas e tarifas de importações que persistem há tempos. Prefiro supor que o eleitor tem expectativas não enviesadas, ao menos, quanto a essas políticas persistentes. Eles talvez superestimem o peso-morto de algumas medidas e subestimem o de outras, mas, em média, eles tem uma ideia correta.

(BECKER, 1976)

2.2 Economistas e os Vieses de Julgamento nos Eleitores

A democracia se fundamenta na ideia de que eleitores informados e racionais são capazes de tomar decisões que promovem o bem-estar coletivo e o desenvolvimento sustentável. Em "The Myth of the Rational Voter", Caplan argumenta que a eficácia da democracia depende criticamente da capacidade dos eleitores de avaliar políticas e candidatos de maneira objetiva e informada. Contudo, na prática, muitos eleitores sofrem de vieses de julgamento que distorcem suas percepções e decisões, resultando em escolhas que podem ser prejudiciais para a sociedade como um todo (CAPLAN, 2007).

Acemoglu e Robinson, em "The Narrow Corridor", enfatizam que o engajamento político ativo e informado da população é crucial para manter o equilíbrio entre a autoridade estatal e a liberdade individual. Eles argumentam que a capacidade da sociedade de se organizar e participar ativamente nos processos políticos é fundamental para evitar a tirania e promover políticas que refletem verdadeiramente as necessidades e interesses da população (ACEMOGLU; ROBINSON, 2019).

No entanto, os vieses de julgamento nos eleitores podem comprometer esse ideal democrático. Esses vieses são frequentemente resultado de heurísticas cognitivas, que são atalhos mentais usados para simplificar a tomada de decisão, mas que podem levar a erros sistemáticos. Entre os principais vieses que afetam os eleitores estão:

1. Viés antimercado
2. Viés antiestrangeiro
3. Viés anticonservação do trabalho
4. Viés pessimista

Hoje que está sendo revivido esse estudo da "Economia Política Comportamental" e seus vieses porém é importante lembrar que a história do pensamento econômico é repleta de discussões sobre esses temas e seus correlatos.

Muitos dos famosos economistas do passado, como Adam Smith e Frédéric Bastiat, eram obcecados pela moralidade e pelas crenças teimosas do povo quanto a economia, a sua insistente resistência aos princípios básicos do custo de oportunidade e a vantagem comparativa (HART, 2019; WELLS, 2013; CAPLAN, 2007).

Parece que os economistas tem se esquecido de que a economia é uma ciência social e que as pessoas são seres humanos, com crenças e valores que muitas vezes não se alinham com a lógica econômica. Questões que hoje são levantadas como novas, já foram a tempos levantadas por economistas como Bastiat, que em sua obra "O que se vê e o que não se vê" já discutia sobre a dificuldade de se perceber os custos ocultos das políticas públicas e como elas se comportam na subjetividade (HART, 2019).

Estudar mais a fundo esses vieses presentes nos eleitores, tendo como um grande aliado a história do pensamento econômico se faz mais necessário que nunca, lembrando que o problema do tema não é que os economistas não tem nada a dizer sobre o assunto, mas sim que eles tem muito a dizer porém relutam a ir em público e arriscar a sua credibilidade científica. Se fosse possível superar essa relutância teríamos muito a dizer (CAPLAN, 2007). Gustavo Franco pode elucidar essa parte como ninguém:

[...] Tenha claro, por favor, que não há problema nenhum em atacar a sabedoria estabelecida [...]. Mas não perca de vista que ir contra o senso comum é um esporte radical: há muito risco e, se você errar, vai acabar no hospital. Sempre é preciso provar o que você diz, e costuma ser difícil. [...] Muito cuidado ao atacar a sabedoria estabelecida, pois na maioria das vezes você estará errado. Lembre-se de que o conhecimento que você herda se estabeleceu do trabalho diligente de muitos como você e eu, depois de anos e anos de tentativa, erro e decantação.
(FRANCO, 2022)

Então temos em nossas mãos um cenário muito otimista apenas de revelar o que os economistas já sabem. Poucos economistas contemporâneos se preocupam com a história do pensamento econômico, e isso é um erro, deixando muitas discussões importantes ignoradas ou esquecidas (BLAUG, 2001). A história do pensamento econômico é uma disciplina que nos ajuda a entender como as ideias econômicas evoluíram ao longo do tempo e como elas

moldaram a sociedade em que vivemos. Ela nos permite ver como as ideias econômicas foram influenciadas por eventos históricos, mudanças políticas e avanços tecnológicos, e como essas ideias continuam a influenciar o pensamento econômico contemporâneo.

Porém o foco aqui são os vieses que não podem ser ignorados, explicando eles com base em no que os economistas acreditam ser o certo e em contraste o que a população no geral acredita. Provas formais dos vieses estarão mais a frente.

2.2.1 Viés antimercado

O viés antimercado pode ser resumido na tendência de subestimar os benefícios do mercado, de seus mecanismos de mercado e superestimar os custos associados a ele (SOWELL, 2000; SOWELL, 2004; CAPLAN, 2007).

O cidadão comum tende a acreditar que o mercado é ineficiente e injusto, tende a ter sérias dúvidas de até onde pode confiar e contar com empresas lucrativas para gerar produtos socialmente benéficos. Se foca somente na motivação do lucro da empresa e é deixado de lado a parte da disciplina imposta pelo mercado, que faz com que empresas que não atendem as necessidades do consumidor sejam eliminadas do mercado. Os economistas no geral admitem que a busca incessante pelo lucro aliada as falhas e imperfeições de mercado podem gerar resultados ruins, não-economistas veem a ganância bem sucedida como algo socialmente prejudicial por si só (CAPLAN, 2007).

Shumpeter, em sua obra "Capitalismo, Socialismo e Democracia", define com perfeição esse viés:

O capitalismo é julgado por juízes que têm a sentença de morte preparada. Eles darão este veredito, não importa o que a defesa diga; a única coisa que a defesa pode fazer é provocar uma mudança na acusação.
(SCHUMPETER, 1976)

Essa visão de que o lucro é simplesmente uma forma de transferência, uma exploração e que o mercado é um jogo de soma zero, onde o ganho de um é a perda de outro, é um dos principais fatores que levam os eleitores a desconfiarem das soluções de mercado e a favorecerem intervenções estatais. Vale ressaltar que "transferência" no dialéto econômico é um termo que se refere a um movimento descompromissado de riqueza de um agente para outro, sem que haja um aumento na riqueza total da sociedade. Levando isso como base, podemos concluir que as pessoas tendem a ver os lucros como um presente para os mais ricos. Portanto, a não ser que o governo intervenha limitando os lucros como questão de bom senso, a riqueza não será redistribuída de forma justa e eficiente (CAPLAN, 2007). Essa forma de pensar é exatamente o que Thomas Sowell chama de "raciocínio de estágio único", ou seja, considerar apenas as consequências imediatas e óbvias de uma medida, ignorando as consequências indiretas e menos óbvias (SOWELL, 2004).

É importante lembrar que o lucro não é uma esmola, mas sim um *quid pro quo*: o lucro é a recompensa por atender as necessidades e desejos dos consumidores de forma eficiente e inovadora. O lucro é o sinal de que uma empresa está gerando valor para a sociedade, alocando os recursos de forma eficiente, e não um mecanismo de exploração. Essa é a lição básica que Adam Smith nos ensinou em "A Riqueza das Nações": a "mão invisível" do mercado, guiada pela busca do lucro, silenciosamente convence os empresários egoístas a servir o bem comum (SMITH, 1776).

Desde o início da história registrada também temos o lucro aparecendo de forma prejudicial, como o exemplo do lucro sobre o empréstimo de dinheiro, o juro, que era considerado pecaminoso e injusto. Desde a mesopotâmia até a igreja católica, por exemplo, proibindo a cobrança de juros, considerando-a uma forma de exploração e usura (AQUINO, 1274). Eugen von Böhm-Bawerk consegue elucidar essa questão de forma clara em seu clássico "Capital e Juro":

O credor geralmente é rico e o devedor, pobre, e o primeiro parece um homem odioso que suga o pouco que o pobre tem na forma de juros e que pode aumentar ainda mais sua riqueza supérflua. Não é de se surpreender, contudo, que tanto a Antiguidade quanto a Idade Média Cristã viam com maus olhos os juros.
(BÖHM-BAWERK, 2022)

Para encerrar esta parte, uma pessoa que ouça ou veja economistas discutindo questões como essa, como Krugman ou Stiglitz, pode ter a impressão de que a parte benéfica do mercado ainda é controversa ou não está acertada (KRUGMAN, 2003; STIGLITZ, 2003; CAPLAN, 2007). Nesse ponto tem de se entender que os economistas não estão debatendo. Eles não estão debatendo se os preços dão incentivos ou se há uma enorme conspiração para manter os preços altos. Eles estão simplesmente explicando como o mercado funciona. Quase todos os economistas reconhecem que o mercado é a melhor maneira de alocar recursos escassos e que a concorrência é a melhor maneira de garantir que os preços sejam justos e que os consumidores sejam protegidos, eles discorram apenas sobre qual o grau disso.

2.2.2 Viés antiestrangeiro

2.2.3 Viés anticonservação do trabalho

2.2.4 Viés pessimista

2.2.5 A influência dos vieses e a armadilha das ideias

2.3 Influência da Memória de Regime

3 Abordagens Metodológicas

A metodologia da pesquisa será dividida em duas partes principais: a análise dos trabalhos que abordam os vieses de julgamento dos eleitores e a investigação sobre a influência

da memória de regime.

3.1 Análise dos Trabalhos sobre Viéses de Julgamento

3.1.1 Estados Unidos da América

3.1.2 Portugal

3.1.3 Brasil

3.2 Investigação sobre a Influência da Memória de Regime

4 Interpretação dos Resultados e Implicações

5 Conclusão

Referências

- ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. *The Narrow Corridor: States, Societies, and the Fate of Liberty*. Penguin Publishing Group, 2019. ISBN 9780735224391. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=IHuDDwAAQBAJ>>.
- AQUINO, S. Tomás de. *Summa Theologica, Segunda Secundae Partis, Questão 78*. [S.l.: s.n.], 1274. Trata diretamente da usura e da moralidade dos empréstimos com juros.
- BECKER, G. Toward a more general theory of regulation. *The Journal of Law and Economics*, University of Chicago Press, Booth School of Business, University of Chicago, University of Chicago Law School, v. 19, n. 2, p. 245–248, 1976. ISSN 00222186, 15375285. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/725165>>.
- BINMORE, K. *Rational Decisions*. Princeton University Press, 2008. (The Gorman Lectures in Economics). ISBN 9781400833092. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=q6JYiaKTtu4C>>.
- BLAUG, M. No history of ideas, please, we're economists. *Journal of Economic Perspectives*, v. 15, n. 1, p. 145–164, March 2001. Disponível em: <<https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.15.1.145>>.
- BÖHM-BAWERK, E. von. *Capital and Interest*. MJP Publishers, 2022. ISBN 9789355270788. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=ruwN0AEACAAJ>>.
- CALCAGNO, P.; MALDONADO, B.; NESBIT, T.; ZEAGER, M. F. Political systems, regime memory, and economic freedom. *Contemporary Economic Policy*, v. 42, n. 2, p. 336–354, 2024. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/coep.12635>>.
- CAPLAN, B. Systematically Biased Beliefs about Economics: Robust Evidence of Judgemental Anomalies from the Survey of Americans and Economists on the Economy. *The Economic Journal*, v. 112, n. 479, p. 433–458, 04 2002. ISSN 0013-0133. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1468-0297.00041>>.
- CAPLAN, B. *The Myth of the Rational Voter: Why Democracies Choose Bad Policies - New Edition*. Rev - revised. Princeton University Press, 2007. ISBN 9780691138732. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/j.ctvc4gf2>>.
- FRANCO, G. *Cartas a um jovem economista*. GMT, 2022. ISBN 9786555644692. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=k1-CEAAQBAJ>>.
- FRIEDMAN, M. *Essays in Positive Economics*. University of Chicago Press, 1966. (University of Chicago Press Economics Books, 9780226264035). ISBN ARRAY(0x4be4f6a8). Disponível em: <<https://ideas.repec.org/b/ucp/bkecon/9780226264035.html>>.
- HART, D. M. Reassessing bastiat's economic harmonies after 160 years. *Online Library of Liberty*, 2019. Disponível em: <<https://oll.libertyfund.org/pages/lm-bastiat-essays>>.
- HAUSMAN, D.; MCPHERSON, M.; SATZ, D. *Economic Analysis, Moral Philosophy, and Public Policy*. 3. ed. [S.l.]: Cambridge University Press, 2016.

KRUGMAN, P. *The Great Unraveling: Losing Our Way in the New Century*. W.W. Norton, 2003. (Business book summary). ISBN 9780393058505. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=2qyJpnOrveIC>.

SCHUMPETER, J. *Capitalism, Socialism and Democracy*. Routledge, 1976. ISBN 9780415107624. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=6eM6YrMj46sC>.

SMITH, A. *An Inquiry Into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Strahan, 1776. (An Inquiry Into the Nature and Causes of the Wealth of Nations, v. 1). ISBN 9781537480787. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=C5dNAAAaAAJ>.

SOWELL, T. *Basic Economics: A Citizen's Guide to the Economy*. Basic Books, 2000. ISBN 9780465081387. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=L9g-3num2KIC>.

SOWELL, T. *Applied Economics: Thinking Beyond Stage One*. Basic Books, 2004. ISBN 9780465081431. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=2JqpPY5zXtMC>.

STIGLITZ, J. *The Roaring Nineties: A New History of the World's Most Prosperous Decade*. W. W. Norton & Company, 2003. (Business book summary). ISBN 9780393058529. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=mm6A32m53PsC>.

THALER, R. *Misbehaving: The Making of Behavioural Economics*. Penguin Books, 2016. (An Allan Lane book). ISBN 9780241951224. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=9itrjgEACAAJ>.

The Washington Post; Kaiser Family Foundation; Harvard University. *Survey of Americans and Economists on the Economy*. 1996. <https://www.kff.org/other/poll-finding/survey-of-americans-and-economists-on-the/>. Accessed: 2024-07-06.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. *Science*, v. 185, n. 4157, p. 1124–1131, 1974. Disponível em: <https://www.science.org/doi/abs/10.1126/science.185.4157.1124>.

WELLS, T. Adam smith on morality and self-interest. In: _____. *Handbook of the Philosophical Foundations of Business Ethics*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2013. p. 281–296. ISBN 978-94-007-1494-6. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-007-1494-6_26.